

GALERIA DOS ASES

MANUEL MARQUES
DO SPORTING



(foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 6 - 13 de Janeiro de 1943

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



Na justa homenagem a Ribeiro dos Reis. A mesa de honra do banquete



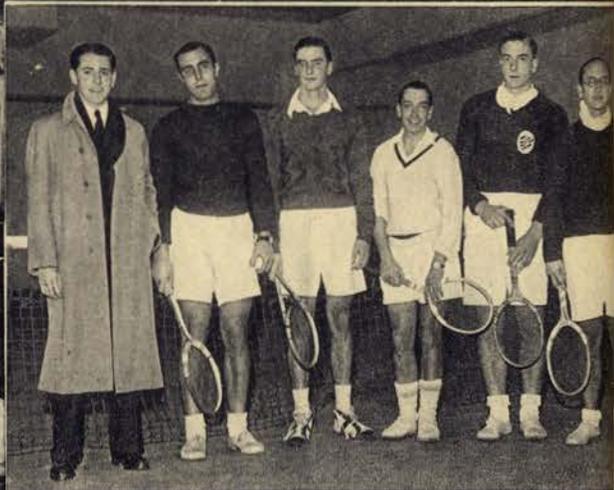
A classe do primeiro ginásio bairrista, que se inaugurou em Alfama

Começou o campeonato de futebol da "MOCIDADE PORTUGUESA"



O 1.º "goal" no campeonato da M. P.

J. Travassos, instrutor e árbitro da M. P.



Os tenistas do C.I.F. e do Técnico que disputaram o encontro de salas



A despedida do prof. José Rosendo no G. D. Tabacos



Uma preleção pelo sr. cap. Gomes Mar

DUAS ANIMADAS FASES DOS JOGOS DE "RUGBY" DA TAÇA "FRANCISCO PAULOS", DISPUTADOS NO CAMPO GRAN



REFERIMO-NOS largamente, no último número da Stadium, ao valor afirmado pelo campeão e recordadouro nacional Mário Simas. A respeito do mesmo nadador, acrescentamos, com muito prazer, o seguinte esclarecimento do sr. José António Alves, antigo director do Sport Algés e Dafundo:

«Mário Simas tem, nos 100 metros livres, o tempo de 1 m., 0 s. e 2/10, que é recordo de Portugal e da Península. Este tempo acredita-o como um dos melhores nadadores europeus da distância, na actualidade.

«Este resultado obteve-o Mário Simas sem luta, porque não há entre nós adversário à sua altura. Não houve, pois, luta como a que se registou nos 100 metros costas, com o francês Zins, que o levou a fazer 1 m. e 09 s. Mário Simas é muito capaz de fazer um tempo ao redor de 59 segundos, isto é, entre 58 4/10 e 59 4/10.»

A opinião de José António Alves é a de um elemento muito em destaque na natação lusitana. Merece, pois, que a registemos — em homenagem a Mário Simas.

A notícia do possível Portugal-Espanha em natação foi dada, há dias, pelo nosso colega Os Sports, em registo oportuno de uma entrevista concedida ao diário madrilenho Gol, pelo vice-presidente da Federação Espanhola de Natação. Trata-se, pois, de uma notícia com fundamento oficial.

NÃO são grandes as probabilidades de uma vitória colectiva das nossas cores, num Portugal-Espanha em natação e water-polo. Bastará, todavia, a inclusão de Mário Simas para valorizar a representação nacional. E João da Silva Marques é ainda valor para entrar em jogo.

UM exemplo curioso, como prova da diferença das instalações desportivas que existe entre Portugal e Espanha; em Barcelona, disputou-se, agora, em pleno inverno, o campeonato espanhol de water-polo; em Lisboa, não há ainda nenhuma piscina coberta, além da piscina pequena do Algés e a do Instituto Superior Técnico — esta sem aquecimento.

FORAM já publicadas as contas do festival promovido, no dia de Natal, em homenagem e a favor de Artur José Pereira. O saldo foi compensador, e o antigo jogador pôde, assim, verificar que não se perdeu ainda o sentido de solidariedade desportiva.

A Artur José Pereira apresentamos os nossos desejos de boas melhoras.

PASSARAM recentemente os aniversários do Diário de Notícias e do Século. A acção desenvolvida pelos dois grandes diários lisboetas tem sido muito útil ao desporto. E ao Século devemos amabilidades que não devemos esquecer. A ambos, as nossas felicitações.

INSISTINDO

A notícia de que a Federação Espanhola de Natação trabalha para a realização do II Portugal-Espanha, a disputar no corrente ano, em Madrid ou Barcelona, vem dar grande oportunidade aos comentários aqui feitos, no último número da «Stadium», acerca da pobreza ou modéstia das nossas instalações para a prática dos desportos e a respeito da falta de piscinas no centro da cidade. E, para pôr em destaque esta oportunidade, basta afirmar, à guisa de introito, que o Portugal-Espanha, em natação e «water polo», não pôde ser disputado novamente, nos dois últimos anos, por dificuldades de organização.

Anotemos, entretanto, que, para o interesse manifestado pelos dirigentes espanhóis, a que os dirigentes portugueses têm sabido corresponder, apenas surgiu uma dificuldade — os nossos vizinhos pretendem que se efectuem dois encontros no mesmo ano, o primeiro em Espanha, entre nós o segundo. Por nossa parte, tem-se defendido a conveniência de um único «match». É que, se é fácil, em certos limites, organizar uma equipa para ir a Espanha, e se é de esperar que o treino metódico dos prováveis representantes do país seja benéfico para todos os clubes, é difícil assumir encargos para a réplica, em Lisboa, se se contar somente com a federação.

A capital tem um estádio náutico que sofre bem o confronto com o que existe em Espanha. O Estádio do Sport Algés e Dafundo, melhor que qualquer das piscinas de Madrid, deve continuar a ser o que há de melhor na península. As condições de organização de provas é que são precárias, para os outros clubes e para a federação. Uma disposição estatutária obriga à concessão de entrada gratuita aos sócios do popular clube de natação; e o público desse clube é o que acompanha as provas com mais entusiasmo. Entrou-se, assim, em um círculo vicioso: o Algés, para se defender dos seus encargos, concede regalias aos sócios; uma dessas regalias, a entrada gratuita, constitui dificuldade para as outras entidades que podem organizar provas.

Criou-se, deste modo, uma situação difícil, de que tem resultado, por exemplo, a necessidade de organizar fora de Lisboa os campeonatos nacionais, e de que resulta não ser possível à Federação Portuguesa de Natação assumir, de per si, encargos de organização que não tenham qualquer contrapartida. A simples garantia para liquidação de um possível deficit, deveria bastar como solução. Mas a melhor solução seria a de se construírem mais piscinas.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ANO XI — LISBOA, 13 DE JANEIRO DE 1943 — II SÉRIE-N.º 6

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade de

SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.D.A.

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A constituição da equipa que representou a capital no último Porto-Lisboa mereceu censuras, tanto por parte do público que esteve nas Salésias, como por banda da imprensa. A direcção da A. F. L. sentiu-se, por isso, obrigada a vir a público, com um comunicado oficial, no qual se refere à doença de alguns jogadores e ao impedimento de outro, por motivo de serviço.

O caso não ficou ainda esclarecido. As razões alegadas não se aceitam com facilidade. Mas sempre foi uma satisfação — ao público e à imprensa. Vale apenas por este significado. E já não é pouco...

COMPREENDE-SE que a doença de alguns jogadores do primeiro plano não permite que as seleções se apresentem na sua melhor força; e que não fosse possível comparecer um jogador impedido em serviço a que não pôde eximir-se. Mas não foi esse o principal defeito da constituição da equipa A de Lisboa, no dia 3 deste mês. O defeito principal consistiu em se insistir numa selecção que não dera bons resultados, duas semanas antes.

A experiência do Porto — em selecção e em comportamento de jogadores — não serviu para nada. E de qualquer derrota deve sempre extrair-se a lição correspondente...

NÃO foi por doença que se deslocaram dois jogadores dos seus lugares habituais — Amaro e Albino. E não foi certamente por doença que se insistiu no aproveitamento de Tellechea, à meia esquerda.

O que se deu, resultou de um erro de visão — ou precipitação das substituições. Error é uma condição humana.

OS comentários que ficam aqui não envolvem qualquer ideia de ataque ao seleccionador das equipas representativas da capital, Gustavo Teixeira. Temos pelo antigo internacional do futebol a maior consideração. Os nossos comentários baseiam-se apenas na apreciação dos factos.

O lugar de seleccionador é ingrato. E nem sempre há horas felizes... Gustavo Teixeira foi infeliz desta vez. E de esperar que outras seleções lhe tragam tardes de triunfo. Por nossa parte, desejamo-lo sinceramente.

PRINCIPIOU no domingo a disputa do campeonato nacional de futebol, nas duas Divisões em que se divide. A Divisão de Honra composta por dez clubes; e são 99 os que tomam parte nas «poucas» regionais em que assenta a II Divisão. Nas primeiras jornadas, são, pois, 109 «teams» de futebol que entram em jogo.

A movimentação de um torneio depende do número de concorrentes. Mas para o seu brilhantismo concorre mais directamente o equilíbrio dos grupos em luta.

O campeonato deste ano reúne especiais condições de atractivo. E por isso de desejar que corresponda em absoluto à expectativa que tem despertado.

GIMNÁSIOS BARRISTAS E O PENSAMENTO DOS CLUBES

EM 16 de Outubro último, «Os Sports» publicava um artigo alvitrando «a organização de ginásios e classes comuns às colectividades de cada bairro para solucionar o problema da educação física pré-desportiva nos clubes de escassos recursos.»

Seguiu-se um mês de persistente propaganda, de campanha convicta, fazendo-se ver às agremiações bairristas o que era na realidade o valor intrínseco do alvitre de «Os Sports».

A dirigir o movimento estava um veterano das lides da educação física, o dr. Salazar Carreira, cujo nome também ficou ligado aos cursos infantis de ginástica.

Ao fim do mês de propaganda, «viu-se» alguma coisa. Pôde fazer-se uma reunião na qual se assentaram directrizes. Não compareceram tantas colectividades como era de esperar. Mesmo assim, felizmente, as bastantes para fazer vingar a idéa.

Estamos em Janeiro — e no dia 5 passado, em Alfama, inaugurou-se o primeiro ginásio bairrista. A semente começou a dar fruto.

Exulta naturalmente o nosso colega. Exultemos nós, não só porque nos apraz festejar o sucesso das iniciativas dos nossos camaradas, «oficiais do mesmo officio», mas por se tratar de uma medida de vasta projecção, que valorizando o nosso nível educativo-desportivo, constitue, afinal de contas, uma defesa para as colectividades que vivem difficilmente, a maior parte delas quasi que não tendo razão de existir...

Recordemos, a propósito, palavras do Director Geral de Desportos no primeiro número desta nova fase da «Stadium»: «De futuro, para se constituir uma colectividade desportiva, terá de se atender a um número de requisitos ditados pela Direcção Geral. E as que existem terão igualmente, dentro de um prazo que será fixado, de adquirirem os elementos indispensáveis à sua superior finalidade.»

Esse prazo ainda não foi determinado. Todas as colectividades que se sintam naquelas condições devem, portanto, tentar antecipar-se a qualquer deliberação official. Sôzinhas, desamparadas, é-lhes difficil? De acôrdo estamos. Por isso mesmo, o sentimento de aplauso mais se reforça à campanha que permitirá a variadíssimos núcleos poderem, num lapso de tempo aceitável, adquirir «os elementos indispensáveis à sua superior finalidade.»

Os ginásios bairristas, na genérica e fria expressão do termo, encerram matéria de vasta ponderação e podem constituir filões, de onde emanem reflexos, cujos efeitos se não descortinam «a priori». Demais, se nos lembrarmos que têm o beneplácito da Direcção Geral de Desportos.

A idéa está de pé — e em ordem de marcha. Aguardemos a forma como se materializará a bem dos pequenos e enfermos clubes, que, afigura-se-nos, encontram uma tábua de salvação que não conseguiriam atingir só pelos seus próprios meios!

LANÇA MOREIRA

O CONCURSO DO "GOAL DA VITÓRIA"

CONSTITUIU um êxito retumbante — melhor, mesmo, daquilo que podíamos esperar — o Concurso do «Goal da Vitória», iniciativa de «Stadium» que interessa a toda a gente. Contaram-se por alguns milhares os cupões recebidos, verdadeira «avalanche» de papeis que nos entrou pela porta dentro! — e isto demonstra que o nosso Concurso foi bem recebido pelo público. E, quere-nos parecer, ainda a precisão vai no adro...

Houve concorrentes que enviaram séries de dez, quinze, vinte e até vinte e cinco boletins, no anseio de se habilitarem aos prémios com mais probabilidades. E uma senhora — nêstes assuntos a mulher é sempre mais prática... — mandou-nos trinta boletins! Trinta! Já é, realmente, ter vontade de acertar...

Para melhor habilitação aos prémios do Concurso do «Goal da Vitória» esclarecem-se alguns pontos nebulosos do regulamento (alterando-o até nalguns capitulos) e isso porque «Stadium» tem todo o desejo de facilitar as previsões dos seus inúmeros leitores. Assim, conta para efeitos de classificação a circunstância de determinado jogador apontado ser substituído à última hora. Esclarecendo melhor: quando um jogador que habitualmente alinhe numa equipa em lugar fixo for substituído por outro *prevalece a indicação do seu nome* no boletim, como se estivesse presente. Em síntese: os concorrentes que votarem num jogador que não alinhou mas cujo substituto marcou o «goal» do triunfo *têm direito ao prémio*.

É conveniente, também — condição indispensável para a habilitação — indicar o *nome do clube a que pertence o jogador votado*, pelo simples facto de que há alguns jogadores com nomes iguais em clubes diferentes...

Das várias sugestões apresentadas — duas há em que não podemos transigir de maneira nenhuma. Referem-se elas à *indicação de lugar*, variante problemática, porque apenas interessa o *nome do marcador do «goal» da vitória*. E também à publicação dos componentes das equipas — antecipação que nem mesmo as direcções dos clubes podem prever! Nisso está, afinal, a única dificuldade do Concurso... Quanto a várias perguntas que nos foram dirigidas — têm resposta no próprio regulamento.

Diga-se, por último, que o *pagamento dos prémios será feito imediatamente a seguir à publicação dos nomes dos contemplados*, os quais têm de *identificar-se convenientemente* e trazer-nos uma fotografia para «Stadium» publicar.

CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DA «STADIUM»)

BOLETIM N.º 2

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL
1.ª JORNADA

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

BELENENSES — VITÓRIA

F. C. PORTO — SPORTING

ACADÉMICA — LEIXÕES

OLHANENSE — BENFICA

UNIDOS — UNIDOS (do Barreiro)

Nome do concorrente

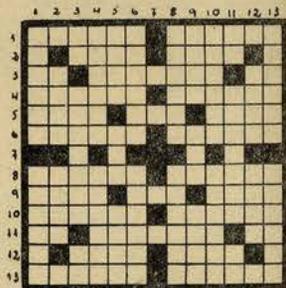
Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou provincia — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3-9), imprerivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

À LAREIRA

PROBLEMA N.º 6



Ca. Bragosa

HORIZONTAIS

1—Alcôva; Zombar. 2—Viver; Pessoa gorda e baixa. 3—Ali; Tornara ufano; O lado do vento (inv). 4—Coatundir; Erraiza. 5—Senhora; Protecção; Rezar. 6—Frutos da silva; Igualara. 8—Afeiçoados; Gritaria. 9—Custoso; Liga; Gostar. 10—Justapôr; Facilidade. 11—Tua; Capela; O mais. 12—Compôr; Toca. 13—Rama-lhuda; Planalto.

VERTICAIS

1—Silenciosa; Respeitar. 2—Desejam; Catre. 3—Malévola; Abtrandára; Abrev. usada em cálculos astronómicos. 4—Assalariar; Viscoso. 5 Fome; Patrão; Altares. 6—Mentiras; Emendara. 8—Enfeitar; Vangloria-se. 9—Fogueira; Ocasão; Impulso. 10—Inchados; Patranha. 11—Entrega; Pessoa meiga; Título do soberano da Pérsia (inv). 12—Tornar ôco; Bosque. 13—Inquietara; Mentiras.

Portugal-França

«Stadium» vai promover um concurso de prognósticos, com vista ao resultado do «match» de futebol Portugal-França, publicandose brevemente as bases e os prémios d'êste novo «certame», a que podem habilitar-se todos os leitores da nossa revista

BICICLETAS?

«FLECHA»

«FLECHA»

SÓ «FLECHA»

Quási centena e meia de «goals» nos 39 desafios da primeira jornada

A primeira jornada do Campeonato Nacional decorreu com regularidade e animação, apenas um tanto prejudicada pelo mau tempo.

— Na I Divisão, os resultados dos jogos disputados em Guimarães, Leixões, Coimbra e Lisboa (com dois encontros na capital) não contrariaram a lógica nem as previsões da maioria.

— Os aficionados lisboetas — os que tiveram ânimo para enfrentar a tarde chuvosa... — distribuíram-se pelo Lumiar e por Belém, onde se disputavam encontros que se anteviam equilibrados.

— No velhíssimo campo da Alameda das Linhas de Torres, que os actuais proprietários transformaram e alindaram, houve, de facto, certa igualdade, ainda que o Benfica se tenha superiorizado o bastante para justificar, ao menos, o triunfo pela tangente.

— Jogou-se, ali, com entusiasmo e boa velocidade, numa toada interessante.

— Nos «encarnados» houve duas reaparições felizes: Nelo, que foi o melhor dos avançados, e Galvão.

— A destacar o «goal» que este marcou, num ângulo apontado para ângulo difícil.

— Dos vencidos, Eduardo Santos continua a afirmar-se como guarda-rédes de primeiro plano.

— Ao invés, Gaspar Pinto e Carlos Pereira — dois nomes «grandes» — e Jordão, estiveram infelizes, principalmente o segundo, que actuou muito abaixo da sua categoria.

— Para derrotar o Belenenses, os campeões do Pórtio apresentaram um «conze» sem possibilidades nem convicção.

— Os substitutos de Pratas e Gomes da Costa não demonstraram personalidade o mesmo sucedendo com o jovem inexperiente que alinhrou a extremo esquerdo.

— Se se acrescentar que Artur de Sousa acusa precário estado físico e que Correia Dias — mal amparado, de resto — não realizou uma única jogada certa, compreender-se-á por que Veríssimo, nas balizas, não teve, sequer, uma defesa séria.

— Bela teve muitas intervenções. Irregular, porém. Grande número das suas defesas foram incompletas, facultando recargas com perigo e, até, com consequências...

— Alirou-se mal para a segunda bola que sofreu e não saiu, como devia, no lance que precedeu a terceira. O último tento dos «azuis» resultou de recarga provocada por uma das suas defesas incompletas.

— Fraca, pois, fraquíssima a exibição do Pórtio. Apenas um homem brilhou, e a grande altura: Guilhar. É muito pouco para um clube com as tradições, os pergaminhos e a natural ambição duma colectividade que se chama Futebol Clube do Pórtio!

— José Pedro marcou os dois primeiros «goals» com «shots» colocadíssimos. Foi o avançado mais consciencioso, dos dez que estiveram nas Salésias. Útil e produtivo,

discreto — progride, sem largos vôos, mas com passo firme.

— O Belenenses ganhou por 4-0. Até admira como não foi mais longe... O grupo carburou bem. Mas o ataque não correspondeu no capítulo do remate.

— Elói, que marcou os outros dois tentos, continua a ser melhor jogador de clube que de selecções. É um caso como os dos avançados alcantarenses no tempo do célebre «abra... pisa... deixa...».

— A propósito de desportivismo: louvem-se os jogadores do Pórtio pelo aprumo com que encararam o desenrolar dos acontecimentos, que nunca lhes foi — nem podia ser... — favorável.

— O Sporting, bem acolhido na histórica cidade minhota, encontrou a resistência que se calculava. Duas vezes os campeões de Lisboa se adiantaram na marcação e os vimaranenses repuseram a igualdade. Por fim, os aléões impuseram a sua superioridade técnica, acabando por ganhar pela margem de duas bolas, que parece certa.

— Vitória preciosa para os visitantes. Derrota honrosa para os visitados. Um aviso para todos os futuros visitantes ao campo de Bem-lhe-vai...

— Curiosidade a focar: Cândrio que, magoado, passara de médio para extremo esquerdo, marcou dois «goals».

— Em Leixões, os «segundos» do Pórtio e os campeões algarvios chegaram ao fim da hora e meia sem atinarem com o caminho das rédes.

— As equipas jogaram pouquíssimo, para o que, em parte, serve de atenuante o péssimo estado do terreno.

— Houve alternativas de comando. Duma maneira geral, as linhas defensivas valeram mais que as atacantes.

— Zero a zero, portanto, está certo, ainda que os algarvios mereçam aplausos por terem ido, de tão longe, conquistar o ponto de empate.

— Em Coimbra, frente a redússima assistência, a Académica, embora merecendo ganhar, parece que foi longe demais...

— Os novos campeões da A. F. Setúbal, os únicos estreantes da prova, resistiram bem, de um modo, até, que os números estão longe de demonstrar.

CARLOS CORREIA

Belenenses-F. C. Pórtio, 4-0

QUE o futebol portuense atravessa um período de crise, confirma-o a pobreza da exibição efectuada pelo seu mais lídimo representante na primeira saída do Campeonato Nacional, a enfrentar o 3.º classificado de Lisboa — o Belenenses.

O grupo lisboeta venceu por 4-0, mas se tivesse obtido um «score» mais volumoso o facto não daria margem a espanto — tão grande foi a superioridade técnica e territorial

disfrutada pelos jogadores da camisola azul.

O ingresso de Pratas e Gomes da Costa, substituindo uma asa direita formada por dois jogadores manifestamente sem o estófo necessário para enfileirarem numa primeira categoria de futebol, deve dar ao ataque a eficiência que lhe falta.

O próprio Correia Dias — um hipotético rival de Peyroteo — poderá, actuando entre dois interiores que saibam jogar a bola, empregar-se — dentro da modéstia dos seus recursos — com o propósito que lhe faltou no encontro do último domingo.

E não esqueçamos que o médio centro António Nunes — jogador de inegáveis qualidades — recentemente operado de uma grave doença e afastado da bola durante meses, é susceptível de atingir, à medida que o campeonato se desenrole, a personalidade necessária para ocupar a contento o seu espinhoso lugar.

O Belenenses ganhou por mérito próprio, é certo, mas beneficiou, também, largamente, da fraqueza do adversário.

A sua exibição deu, a despeito de ter beneficiado do «handicap» que citamos, a sensação de que o «team» que nos deliciou na primeira fase do campeonato de Lisboa com magníficos apontamentos de futebol, reentra, depois de um colapso quase inexplicável, na sua característica boa carburação.

Se o avançado centro fôsse um jogador mais calmo — com um melhor sentido do remate na altura própria — aquela linha avançada, onde brilha a grande altura um homem — José Pedro — que parece ter assimilado, na mais profunda convicção, o estilo admirável de Scopelli, impor-se-ia sem discussão na órbita do nosso futebol, e teria infligido aos campeões do Norte uma derrota que daria que falar...

Os grupos que evoluíram no campo «José Manuel Soares» com a melhor correcção e pleno agrado da assistência, dado que, tanto vencedores como vencidos, deram o melhor do seu esforço num terreno que, por escorregadio, dificultava ao máximo os seus movimentos, alinharam desta maneira:

Belenenses: Veríssimo; Simões, Feliciano; Amaro, Gomes e Serafim; Quaresma, Elói, Gilberto, José Pedro e Flanklim.

F. C. Pórtio: Bela; Baptista e Guilhar; Anjos, Nunes e Alvarenga; Augusto, Florêncio, Correia Dias, Pinga e Araújo.

Os «goals» do Belenenses foram marcados na primeira parte, os primeiros em preciosos toques de colocação de José Pedro e o último por Elói. No segundo tempo Elói fixou o resultado. Arbitragem sem dificuldades.

JOÃO BRAZ

*

Benfica-Unidos, 3-2

É pecha antiga o Benfica encontrar dificuldades no campo do Lumiar-A, conforme sucedia outrora em Santo Amaro. E ainda desta feita não se fugiu à regra...

O Benfica podia ter ganho o jogo por margem que compensasse a sua superioridade. Mas não sucedeu assim; e o Unidos, se tem tido «forwards» mais expeditos e com melhor direcção nos remates, talvez que desse a surpresa da jornada...

Porque, ao recomeçar do «match», esperava-se reacção forte dos unidistas e «quebra» (que se admitiria) dos visitantes, dada a circunstância de passarem a actuar contra o vento — brando, embora, mas que obrigava a chuva miudinha e impertinente a bater-lhes de frente. E afinal verificou-se a inversa: o Benfica não sentiu os efeitos da chuva e do vento, adaptando-se melhor às condições do terreno — enlameado e por isso mesmo escorregadio — e lutando com tenacidade para conquistar ascendente.

Aconselha a prática que em terreno cheio de água e lama a bola seja levantada — quanto mais vezes melhor. Mas os avançados unidistas (à parte Brito) não o compreendem assim! Tanganho desperdiçou inúmeras oportunidades por jogar rasteiro e demorar-se em mais uma insistência de «dribbling». E como os extremos foram praticamente inúteis — o «team» viu-se... partido em dois! Houve realmente mais uniformidade no Benfica. Albino, Gaspar, Galvão e Ferreira souberam jogar como convinha e as circunstâncias determinavam. E ao ataque verificou-se, também, razoável conjugação de esforços. Claro que, nesta emergência, somente o Benfica podia ganhar — e o contrário seria um disparate...

Até o intervalo o Benfica foi superior. Sempre. E mesmo no período a seguir ao «goal» de Brito (Unidos) — por sinal muitíssimo bem rematado. O empate pertenceu a Galvão, com um «tiro» enganador, de «free», por castigo a Baptista. Na segunda parte jogou-se futebol de qualidade inferior ao do antecedente. Mas houve mais emotividade. Melhor luta. Quere dizer: deu-se ao público um espectáculo de vibração, de «nervos» e isso «salvou» o mau jogo! Rogério viu um «goal» anulado — quanto a nós sem motivo — mas logo em seguida proporcionou a Julinho a ocasião de desempatar. E Nelo, com um golpe de cabeça, mudou para 3-1. Ainda não havia 20 minutos... Mas pouco depois um desliz de Jordão «deu» a Gralho a possibilidade de reduzir para 2-3 a desvantagem dos unidistas. E ficou-se por aqui, em matéria de «goals».

Registem-se nomes:
Benfica: Martins; Gaspar e Galvão; Jordão, Albino e Ferreira; Rogério, Nelo, Julinho, Teixeira e M. Costa.

Unidos: Eduardo; Marques e Leonel; Baptista, C. Pereira e Félix; Osvaldo, Rebêlo, Tanganho, Brito e Gralho.

Árbitro: sr. João Vaz.
Assistiu ao «match» o sr. tenente António Cardoso, da D. G. D., que foi saudado pelos jogadores e público.

JORGE MONTEIRO

(Segue na pág. 13)

Reforços para os clubes...

BENFICA e SPORTING

têm, cada um, seu elemento novo

— chegados há dias do Ultramar

DIZ-SE (e com certa razão, pelos vistos...) que o futuro de Portugal está nas colónias! De facto, assim parece ser pelo menos em matéria desportiva...

Depois de Espírito Santo, Peyroteo e Paciência; de Larsen e Brito — para só falarmos nas «figuras» de primeiro plano — aparecem-nos agora dois novos jogadores ultramarinos, vindos de Luanda e endossado, cada um, a seu clube: um ao Benfica e outro ao Sporting. Stadium, procurando sempre dar ao público o acontecimento-novidade, vai ocupar-se de ambos.

GUIA COSTA

Este é o nome do rapaz que veio para o Benfica. Chama-se Henrique Guia Costa, tem 22 anos e nasceu no Entroncamento. Mas,



apesar de não ser do Ultramar, fez a sua carreira desportiva em Luanda, para onde foi com meses apenas...

Jogou sempre no Clube de Instrução e Recreio Ferroviário, filial do Belenenses na capital de Angola. Principiou em 1935 — no infantil; só voltou em 1938, pois teve de vir à Metrópole, e, nesse tempo, não se ocupou do desporto. Quando regressou foi para a 2.ª categoria. E a partir de 1939 fixou-se no «team» principal, conquistando, nesse ano, o seu primeiro título de campeão. Mas como o Ferroviário é, ainda, campeão da Província, pôde dizer-se que Guia Costa começou e acabou bem a sua carreira no clube ultramarino...

Vimo-lo treinar logo no dia imediato ao da sua chegada a Lisboa. A impressão colhida foi a melhor — porque, realmente, Henrique Costa pareceu-nos atleta de fibra. De resto, além do futebol praticou também, oficialmente, a velocipedista, o basket e a natação.

Quizemos ouvi-lo — mas Guia

Costa garantiu-nos que, por enquanto, nada pode dizer acerca das suas impressões do futebol continental, a não ser, claro está, pelo que tem visto nas suas vindas a Lisboa, onde se encontra pela quarta vez.

Contudo: — «Recebi com aprazimento a proposta do Benfica e estou no firme propósito de demonstrar as minhas faculdades. Jogava a médio esquerdo, habitualmente; mas gostaria mais... do ataque! Em Luanda, o clima é diferente e joga-se mais áspero e mais rápido — pelo que sei e vi — das vezes que estive no continente.

«O Benfica é clube da minha feição. Estou satisfeito e espero agradar ao público. Saberei aguardar a oportunidade, na certeza de cumprir o melhor que saiba e possa...»

Esquecia-nos informar de que o novo recruta benfiquense é funcionário dos Correios em Luanda e cumpriu o serviço militar em Nova Lisboa, vai fazer dois anos. Está de licença — aproveitando-a para um estágio no continente; se se der ber e «provar», ficará no Benfica; de contrário, voltará para a África, pois aqui só lhe interessa jogar por um clube — e esse é o Benfica...

NORBERTO FRANCO

Trata-se do novo elemento ulenonino. É um produto cem por cento «sportingista» — pois que, apesar de ter feito as duas primeiras épocas de futebolista (1932 e 1933) no «reservan» do Sport Lisboa e Luanda, «mudou» em 1934 para o Sporting, onde se tem conservado até agora! É empregado bancário e nasceu na capital de Angola. Chama-se Norberto Felipe Franco e tem 25 anos. Além do futebol (ocupou todos os postos, excepto o de «keeper»...) pratica também o atletismo, com especialidade em barreiras e velocidade pura, sendo considerado um bom «sprinter» angolano.

Fomos encontrá-lo no campo do Lumiar, entre os seus novos companheiros. Boa disposição — sem a timidez habitual daqueles jogadores que pela primeira vez vão treinar...

Quere dizer: Norberto não estranhou o «ambiente» — porque apenas mudou de localidade; e nunca de clube...

— Desde 1934 que eu jogo no Sporting da minha terra. E desde sempre fui «leão»! Tenho actuado a todos os lugares, mas prefiro o de extremo direito. Não é este o primeiro convite que recebo (fê-lo agora o sr. António Serra Coelho) para vir para o Sporting-sede; já em 1938 isso sucedeu... E então era Saldanha Palhares, meu patriótico, o interessado em que viesse! Cá estou agora — e parece-me que ainda não é tarde...

«Podia realmente ter vindo com 18 anos — mas é sempre tempo quando se gosta de um clube! E eu gosto do Sporting! Estou, a bem dizer, «em casa» e entre gente

amiga. Claro que a mudança de clima — porque é a primeira vez sentir no organismo; procurarei, contudo, «aclimatar-me». E quanto aos companheiros com quem privei já, achei-os excelentes, como também «mister» Szabo.

«Acêrcia do futebol do continente, apenas sei pelo que vi à Associação Académica, quando, em 1938, estive em Luanda. Joguei pela selecção da cidade contra os



conimbricenses e gostei de ver exibirem-se Manuel da Costa, Conceição (Nini) e Peseta; também apreciei a rudeza de Octaviano — porque em Luanda é costume jogar-se duro...

... Com estas notas ligeiras — Stadium cumpriu a sua missão, apresentando ao público os dois novos recrutas do Benfica e do Sporting. Resta agora que eles cumpram também, para satisfação de todos: de nós, que os apresentamos; deles; e de quantos se interessam pelo progresso do futebol português.

JORGE MONTEIRO

LEVEMENTE...

O que é demais não presta

EVIDENTEMENTE que o sacrifício por um ideal, uma coisa ou uma pessoa, traduz, sempre, prova irrefutável e palpante de afecto e de dedicação. Muitos destes sacrifícios não admitem nem conhecer limites.

A causa desportiva também tem vingado, progredido e recolhido prestígio à custa de inúmeros sacrifícios dos seus devotos.

Na prática dos desportos, na defesa da bandeira do clube, há, porém, um limite a ponderar. Ir longe demais, atravessar a fronteira do que, humanamente, pode exigir-se a qualquer ou aceitar de alguém, é falsear os mais rudimentares princípios do Desporto, renegar a sua essência, esquecer o que lhe tem de mais belo e de sublime.

Isto vem a propósito das precárias condições físicas em que alinhou no passado domingo, contra o Belenenses, o médio centro do Futebol Clube do Porto.

Segundo me informou pessoa idónea, Nunes, o jogador em questão, acaba de estar hospitalizado dois meses, por ter sofrido uma intervenção cirúrgica melindrosa, não tem treinado, precisamente por esse

Ribeiro dos Reis

viu consagrados 30 anos de actividade em prol do desporto

O banquete de homenagem oferecido ao capitão António Ribeiro dos Reis, actual seleccionador nacional de futebol, constituiu esplêndida e oportuna manifestação de simpatia pelo nosso ilustre colega de imprensa. A seu lado, no vasto salão de jogos do Sport Lisboa e Benfica, teve António Ribeiro dos Reis cerca de duzentas pessoas — antigos companheiros de clube e de equipa, amigos pessoais, representantes de clubes e associações de todo o país, delegados do Comité Olímpico e de quasi todas as federações nacionais de desporto e antigos colegas nestas cansativas de imprensa da especialidade. E foram numerosas as que testemunharam por escrito o seu elevado apreço pelas bellissimas qualidades que o homenageado afirmou, em trinta anos de labuta em prol do desporto.

Os diversos aspectos de actividade desenvolvida por António Ribeiro dos Reis — atleta, dirigente e jornalista — e as suas qualidades pessoais, foram postas sugestivamente em relevo por diversos oradores. Por tudo isto, bem se pode dizer que o banquete foi uma excelente jornada de consagração. E pode e deve ser considerado como autêntico triunfo para Ribeiro dos Reis.

«Stadium», que teve o prazer de se associar à justa homenagem de sábado, apresenta novamente a Ribeiro dos Reis os seus cumprimentos de felicitação.

fato e por se encontrar ainda com balido de saúde, e foi jogar ainda com ligaduras e as costuras mal fechadas.

Custa-me a crer que se tivesse pôsto o jogador sujeito a um acidente de jogo que podia ser de graves consequências.

Não me repugna acreditar que tenha sido ele próprio a insistir pela sua inclusão na linha, disfarçando, até, talvez, a verdadeira situação do seu físico.

Em qualquer dos casos, competência aos dirigentes averiguar se, de facto, o rapaz estaria absolutamente apto para prestar o seu concurso à equipa.

Eu sei que os clubes não devem esquecer estes sacrifícios, dignos de toda a admiração e da gratidão mais profunda. Mas não podem deserdá-los, nem aceitá-los, sem incorrerem no grave pecado de falsearem a missão para que principalmente foram criados.

RUI DE LISBOA

A nossa revista aceita correspondentes em todas as regiões do país onde o desporto tenha expansão ou dela necessite.

Lembramos, entretanto, que a missão crítica é limitada, para assentar fundamentalmente em base grãfica, característica primordial da «Stadium».

Da província inseriremos fotografias que nos remetam, desde que estejam em condições, isto é, sejam nitidas e possuam beleza desportiva. Não se devolve nenhum original.

DA PISCINA AO PALCO...

Idalina de Oliveira

figura do desporto e da cêna



O leitor lembrar-se-á, acaso, de uma garota azougada e viva que apareceu a representar o Benfica em natação? Já lá vão alguns anos... Chamava-se Idalina de Oliveira — e é a mesma que, mais tarde, volvidos anos de êxito no desporto, iria aparecer na cêna como excelente cartaz de propaganda e atractivo das revistas do ano! A pequena que a água do mar enebriava e nos aparecera como “vedeta”, de reuniões de natação, tornara-se rapariga num instante, mulher num repente — e assim, conquistando o público das piscinas, os seus admiradores e colegas de lutas desportivas, haveria de triunfar do público em geral, do “seu”, público de teatro... Uma carreira veloz permitir-lhe grangear as simpatias e os aplausos de tôda a gente. De resto — Idalina era do Benfica. E o “maillot”, vermelho, com a água sôbre o coração, ficava-lhe muitíssimo bem e realçava-lhe mais ainda o corpo esbelto. Idalina era um tipo de rapariga engraçado, de beleza que encantava. E ainda hoje... Porque é nova, mesmo muito nova! Mas o teatro não lhe interessava — e actualmente vive para os encantos de um lar burguês e pacato, desprendida quasi da glória efêmera que um dia alcançara à custa de talento e de força de vontade. É possível que voltemos a vê-la no teatro. Mas talvez de fugida — porque Idalina não quer “prender-se”, — pretende, antes, a vida isolada, no conchêgo da sua casinha, aborrece até aquilo a que muita gente aspira, aquilo a que muitas das suas companheiras e amigas de teatro gostariam de-certo chegar! Até nisto se revela o seu temperamento insubmisso, que define o carácter da rapariga que parecia outróra docil e não o era senão na aparência — da mulher que sabe o que quer e para onde caminha! Nunca pediu a qualquer empresário um contracto; foi sempre solicitada — e nisso está o seu maior orgulho de artista.

Aprendeu na escola do desporto as virtudes que dêle são apanágio: companheirismo, lealdade, camaradagem! Nisso ninguém lhe leva a palma... Tinha sete anos apenas quando começou a entrar em competições desportivas. Nada desde os cinco. E quando da sua estreia causou sucesso: desenhou-se o êxito que haveria de fazer de Idalina uma grande nadadora. Aos quinze, já campeã e já consagrada pelo público e pela critica, acompanhou a caravana da natação que “Os Sports”, organizou, para percorrer o país em propaganda do mais salutar e útil de todos os desportos. Nessa altura cantou, pela primeira vez, para gente desconhecida. Foi em Vila Real de Santo António. Êxito enorme — mas que não a desvaneceu! A-pesar-de “familiarizada”, — pois já tomara parte em recitas escolares, primeiramente no Colégio Académico e mais tarde no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — Idalina nem por isso tomou a nuvem por Juno... Mas quando regressou a Lisboa procuraram a rapariga que encantara com os seus “sambas”, e modinhas brasileiras as plateias improvisadas na excursão da “Quinzena de Natação”. Não se roçou — e acabou por

(Continua na página 13)

COMEÇOU O CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

NOTA SALIENTE DA 1.ª JORNADA:—A RETUMBANTE VITÓRIA DO BELENENSES



Bela Andrasik concede "canto,"

(fotos Nunes d'Almeida)



Os infatigáveis avançados "azuis," demora que fazer...

(fotos João dos Santos)

**NO LUMIAR
O BENFICA
NÃO ESTEVE
Á-VONTADE FRENTE
AO UNIDOS**

AS FOTOS MOSTRAM-NOS ALGUMAS
DAS MELHORES FASES DO ENCONTRO

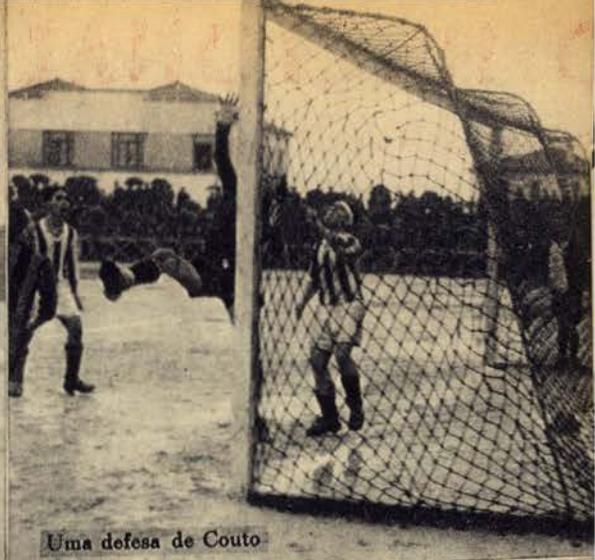


A defesa portuense foi chamada constantemente a intervir





Henrique, do Leixões, alivia o seu campo



Uma defesa de Couto



Canário marca o "goal da vitória" do Sporting



Roberto marca para fora...

ASPECTOS DOS JOGOS DO PORTO E DE GUIMARÃES



A decisão de Machado evita que Peyroteo siga...



Paciência despacha de cabeça

ATLETISMO

A posição alemã no anuário europeu de atletismo melhorou consideravelmente, em virtude dos excelentes resultados obtidos por Mellerowicz, em Cracóvia. Com os tempos de 10 s. 4/10 para os 100 metros e 21 s. para os 200 metros, Mellerowicz ocupa, presentemente, o primeiro lugar nestes dois percursos. Outros detentores de primeiros lugares são: Lançamento de péso — Woellke, com 15,87 metros; lançamento do martelo — Stroch, com 57,80 metros; salto em comprimento — Wagemanns, com 7,58 metros; e «decathlon» — Schmidt, com 7.280 pontos.

BOX

O italiano Lazzari, designado pela Federação Europeia de Box para disputar o Campeonato da Europa da categoria «pesados», foi recentemente vítima de um acidente, quando defrontava Martin, numa reunião celebrada em Roma. No decurso do 3.º assalto, Lazzari sofreu a fractura do pulso direito; prosseguiu na luta, mas no «round» seguinte foi forçado a abandonar.

CICLISMO

Di Paco e Bertola, ciclistas italianos em digressão por terras da América do Sul, têm afirmado ali, da melhor maneira, o seu valor. Em Santiago do Chile, Di Paco ganhou a «Corrida das 24 horas», seguido do seu compatriota. Na Argentina, foi Bertola que alcançou uma retumbante vitória na corrida «Doble Junin», cobrindo os 600 quilómetros do percurso em 17 horas e 30 minutos. A seguir classificaram-se Di Paco, Wambst e Montero.

FUTEBOL

A jornada que serviu para conclusão da 1.ª volta do Campeonato de Espanha (I Divisão), forneceu os seguintes resultados: Atlético de Bilbao-Zaragoza, 1-0; Valencia-Madrid, 1-0; Oviedo-Betis, 2-1; Castellón-Espanhol, 2-1; Barcelona-Granada, 5-2; Celta-A. Aviacion, 1-1; Corunha-Sevilha, 1-1.

NATAÇÃO

A natação húngara está em evidência. Tatos logrou o melhor tempo registado em 1942, nos 100 metros livres, cobrindo a distância em 1 m. o s. 4/10.

Mais sete nadadores ficaram aquém de 1 minuto e 1 segundo. São eles: Koeniger (alemão, 1 m. o s. 5/10); Ohlsson (sueco, 1 m. o s. 5/10); Csik (húngaro, 1 m. o s. 6/10); Costa (italiano, 1 m. o s. 7/10); Hoving (húngaro, 1 m. o s. 7/10); Mileslovic (croata, 1 m. o s. 8/10); Elmery (húngaro, 1 m. o s. 8/10).

Mas... também Mário Simas já conseguiu 1 m., o s. e 2/10!

TENIS

A Federação Japonesa de Tenis tornou pública a classificação dos seus cinco melhores jogadores. Ei-la: 1.º Fujimura e Washimio; 3.º Tanabe; 4.º Akimoto; 5.º Usawa.

O tradicional torneio internacional do Club Del Turó, de Barcelona, teve os seguintes vencedores: singulares-homens, Luís Carles; pares-homens, Olozaga e Bartroli; e singulares-senhoras, Senhorita Carmen Puig.



De cima para baixo e de esquerda para a direita: Os cadetes norte-americanos numa sessão de cultura física. — Momento de perigo para as rédes do München 1860 num encontro com o Schalke 04. — As alunas da Escola de Educação Física de Orvieto (Itália) incluem a esgrima na sua actividade. — O médio-centro amador Bernardy Joy, considerado o melhor jogador inglês no seu lugar.

O problema das arbitragens

TEMA tantas vezes debatido, mas tema ainda hoje essencial, é o que diz respeito às arbitragens em futebol.

Grandes mestres se lhe têm consagrado e com grandes dedicações tem contado, mas, apesar disso, constitui, sem dúvida, o maior «atropção» nas coisas do desporto-«rei». Muito se tem escrito, muito se tem dito, quer na imprensa, quer em conferências sobre tão magno assunto, e ainda se verifica que tudo quanto se tem feito não basta, não chega para dar solução perfeita e total ao problema.

Porque seja equação insolúvel? Não. Simplesmente porque nem todos aqueles que se dedicam a ser árbitros de futebol têm, em plena consciência, o verdadeiro sentido das responsabilidades que assumem quando dirigem uma partida.

Quanto a nós, e descontando as más tardas em que, embora procurando fazer bem, tudo sai o pior possível, quere-nos parecer que o defeito deve residir da deficiente preparação técnica e intelectual de muitos árbitros.

E para aqueles que julguem desparado o requerer-se inteligência a um árbitro, respondemos afirmando que esta é para o árbitro tão indispensável como o bom golpe de vista, — porque se dêste depende a rápida decisão e discernimento da jogada irregular, daquela depende o raciocínio e o critério para o justo julgamento de uma falta.

Procure-se desenvolver o intelecto dos árbitros, seleccionem-se todos dentro deste critério, e veremos se o problema tem ou não solução. Os exemplos desta afirmação estão aí vivos para a confirmar. Não são muitos, mas ainda os suficientes para nos darem razão.

ROBERTO AMIAL

GAZETILHA

PENA MAIOR...

Mais de mil jogadores de clubes — quasi cem... Começaram, sem temores, a disputarem — por bem, o «Torneio dos Madores!»

O grupo... B. S. B!!!
Mais o Pôrto — e dois Unidos;
Olhão, claro, nem vñ...
Pois ficam desiludidos
Guimarães, Coimbra até...

Campeonato Nacional
(chama-se a prova em questão,
cujo título eu acho mal!)
Quanto a mim, esta «função»
seria... Prova Final!!!

Dezito jogos a fio
sem um descanso sequer
é para... perder o piol
Mais vale, para entreter,
um só (mas bom) desafio...

Que, nesta «função», ingrata
mesmo sem se ver jogar!
Haja (ou não) a «mala-pata»
é uma... pena maior...
que temos de suportar!

ZECAS TLÃO

Stadium na Capital do Noite

FALAM OS DIRIGENTES...

Como o LEIXÕES encara o regresso à I Divisão Nacional

EDMUNDO Ferreira, activo e prestimoso presidente do Leixões Sport Clube, abordado pelo jornalista para curta troca de impressões, a-proposito da classificação do seu clube, afirmou:

— Embora menos brilhante do que poderia ter sido, o meu clube conquistou de direito e de facto a sua comparticipação na pugna futebolista mais importante do país.



Edmundo Ferreira

— Luta de gigantes, não acha?

— Vai ser árdua e difícil a tarefa, porque todos os competidores são valorosos e experimentados. Mas os briosos rapazes do meu clube hão-de procurar honrar a terra que representam e tornarem-se dignos de alinhar lado a lado como sempre do glorioso F. C. P.

Cuidou o Leixões este ano de adaptar elementos novos ao seu

grupo. Sobre este pormenor, o sr. Edmundo Ferreira disse-nos:

— A entrada para tão dura prova veio encontrar o meu clube no início da execução de um plano bastante delicado: a subida e adaptação de gente nova em todas as equipas. Este plano não deixará, no entanto, de persistir, e a êle presidirá sempre a inclusão de futebolistas criados e preparados por nós.

Amadorismo? Continuaria o Leixões a recrutar a sua turma de honra nas categorias inferiores? Era um caso a precisar. A pergunta partiu e a resposta veio pronta, sem titubear:

— O meu clube observa e defende os princípios de são amadorismo; se para êle é honra participar, por direito de conquista, em tão importante competição, a verdade é que maior honra e orgulho sente em fazê-lo com uma equipa formada, quasi na sua totalidade, por filhos de Matosinhos.

— Assim pensamos — rematámos como fecho da conversa.

Mas como ainda nos detivessemos sobre o problema da disciplina nos campos desportivos e dos precalços que muitas vezes acompanhavam os encontros da 1.ª Divisão em alguns terrenos, o dinâmico dirigente do Leixões concluiu:

— Estou certo de que o campeonato nacional da 1.ª Divisão há-de decorrer de tal maneira que vencedores e vencidos, observando o cumprimento rigoroso dos deveres, irão, mais uma vez, demonstrar que o futebol, como educação física, é uma modalidade desportiva das mais completas, e que a sua prática como espectáculo há-de continuar a ser um dos mais atraentes e preferidos.

Concordámos...

MÁRIO AFONSO

AR CÉNICO...

NO próximo dia 15 faz 27 anos que, após ter sido destruído por um violento incêndio, reabriu o Teatro Republica, com «Os Postiços», de Mestre Schwalbach.

No dia 19 faz igualmente 27 anos que se estreou no Teatro Politeama o actor Erico Braga, na «Vida de um rapaz pobre».

Em 19 de Janeiro de 1863 nasceu Tereza Taveira. No início da sua carreira teatral chamou-se Tereza Matos, passando algum tempo depois a ser Tereza Prata e, por último, pelo seu enlace com o saudoso empresário Afonso dos Reis Taveira, ficou conhecida por Tereza Taveira. E das raras pessoas sobreviventes do pavoroso incêndio do Teatro Baquet. Oitenta anos! Que linda idade para uma actriz!

Raríssimos são os artistas teatrais que atingem tão respeitável idade. Beijamos-lhes as mãos.

Representou-se há dias num «friegorífico» existente no Pôrto, chamado Teatro Carlos Alberto, a peça de Vasco de Mendonça Alves, «Rompiam a manhã...»

É preciso que a peça seja, como é, das melhores que conhecemos, para chegarmos ao fim da representação sem arredar pé. Não admira que o público lá não tivesse ido como devia, pois o frio que se nota ali é insuportável. Quando será que os proprietários de algumas casas de espectáculos do Pôrto se dispõem a ter um pouquinho de consideração pelo seu público? Isto quanto ao público. E os pobres artistas? E as coristas, que se não andam quasi sempre nuas, ou coisa parecida, vestem-se e despem-se continuamente com pseu-

COISAS E LOISAS

Nos bastidores do basketball portuense

FOMOS assistir, há dias, por dever de officio, a um jogo de «basket-ball». E fomos, sejam francos, não só pela grandiosidade que adivinhávamos ao encontro, mas ainda para julgarmos, imparcialmente, sobre o valor dos grupos em luta.

Decorrido o tempo legal do «match», enquanto o nosso físico andava aos encontrões, a caminho da larga porta de saída, fizemos a nós próprios esta pergunta: Qual foi o superior?

Analisámos este e aquêle jogador, este ou aquêle pormenor e, no final, chegámos a esta conclusão, racional e perfeita, dado o nosso alheamento das «tricas» que possam ter desavindo os dois grupos: eram ambos bons, ambos dignos adversários, lutadores enérgicos, decididos, procurando a vitória, — mas aquela que se conquista ali, no terreno, dando todo o somatório de resistência de que dispõem, tornando-se gigantes, na tarefa extenuante de arrancar, para as suas côres, o triunfo merecido e legal.

Ambos decididos, ambos dignos representantes do nosso «basket», um e outro perfeitamente dentro dos títulos que ostentam ou ostentaram, aceitando o resultado da luta com a maior serenidade, com a maior compostura.

Assim, sim. E fazer desporto, é proceder com nobreza e carácter, é, acima de tudo, ser digno do nome de desportista, — palavra que exige a reunião de tantas e tantas qualidades que a muito pouco pode ser aplicada, na verdadeira e inteira acepção do termo.

E para aquêles que ante-goizam pelas infrações às leis desportivas, apontamos o raro exemplo de desportivismo dado pelo vencido que, depois de batido em campo, teve o grande carácter de aceitar a derrota com naturalidade, tal como ela lhe foi imposta. Para os homens que envergando as camisas dos seus clubes deram o magnifico exemplo de correcção e lealdade desportiva, os meus sinceros cumprimentos de felicitações pela sua atitude.

Assim se desmancham congeminações, assim se desfazem atoardas, assim se é desportista.

Portistas e vascaínos: Oxalá que o vosso exemplo frutifique nos campos de desporto, que a vossa galharda atitude e a vossa serenidade nunca se desmintam, para servir de exemplo a todos.

FLOREANO BASTO

do-fatos húmidos e gelados, porque húmidos e gelados são os camarins que ocupam? Que falta de consideração e piedade!

Já tínhamos visto o «Rompiam a manhã...» em Rio Tinto, ao ar livre, no Teatro do Povo, numa noite pouco «simpática», mas ainda assim muito melhor do que a que passamos no tal Carlos Alberto. Livra...

Grande peça, e com que artistas! Irene Izidro, Hortense, Cremlida, Ribeirinho... Ah! mas que frio!...

CARVALHO DO NORTE

IDALINA DE OLIVEIRA CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(Conclusão da pág. 7)

aceitar a derivante: do desporto ao teatro. Estreou-se no Maria Vitória, em papel que, aliás, não lhe quadra! Depois, foi a «corrida» pelos teatros de revista — uma corrida de velocidade, porque Idalina acabou por se aborrecer...

Voltou mais tarde. Mas para se cansar de novo. O «ambiente» não lhe agradava e não a seduzia o êxito de plateia! Contudo, Idalina de Oliveira, desportista e actriz, de beleza encantadora e com vivacidade que fomentava simpatias e amizades, constituía «cartaz» de êxito assegurado para qualquer empresa. Mas já se disse que Idalina é rebelde por temperamento. E gosta sempre de «levar a água ao seu moinho» — ou não tivesse sido uma campeã de nataçãõ...

Fomos desencantar Idalina na sua casinha, tirá-la da quietude que pretende. E a desportista, espirito gentil de mulher que sabe ser agradável, não esquecera que fora uma antiga praticante de desporto. Não soube esquivar-se; antes pelo contrário, recebeu-nos com a sua gentileza habitual, com o à-vontade próprio e natural entre antigos conhecidos da camada do desporto. Conversa simples. Palestra de amigos e de camaradas. Recordações que perpassam. Fala-se de teatro, de desporto; e é neste ambiente que Idalina se sente bem, como há meia dúzia de anos ainda, quando disputava qualquer prova! Evoca antigos companheiros e em especial o Azinhais — um bellissimo professor — e Silvina, que a pesar de adversária (porque eram de clubes diferentes) foi sempre a sua melhor amiga. A Gourinho, a Albertina, também têm as suas simpatias. E no teatro não distingue ninguém — pois considera amigos e companheiros todos os artistas...

De todos os desportos — a nataçãõ tem a sua preferência. E hoje, a pesar de já não entrar em competições, gosta ainda de assistir a espectáculos da especialidade, gosta igualmente de sulcar as águas revoltas, qual ondina que não olvida os prazeres que a nataçãõ produz e os benefícios que proporciona.

Nome grande do desporto, que podia ter sido maior ainda se a nadadora nem continuado... Mas Idalina não quis! Abandonou cedo de mais — numa altura em que muita gente começa... — mas a pesar-disso não esquece a modalidade favorita, aquela que lhe deu glória e a tornou notável aos olhos da multidãõ! Da piscina ao palco — foi um saltinho... E agora...

... e agora — diz-nos Idalina, a boca a entreabrir-se-lhe num sorriso encantador — não penso mais em desporto; nem talvez no teatro, a não ser, claro está, se me derem o género que eu prefiro... Nada de modinhas nem de sambas — nada de brasileiro! Que, de resto, o teatro interessa-me realmente como distraçãõ, para divagar o espirito... A nataçãõ? Sim! Pratico-a sempre por gosto e sinto prazer nisso. Como sinto enorme prazer quando, na praia, as senhoras me vêem nadar — com desenvoltura e graça, acrescentaremos nós — e dizem: — que bem nada esta rapariga! Pudera, não! Se eu fui, sou e serei sempre uma ferozosa adepta da nataçãõ...

Com êste testemunho, profissãõ de fé de uma rapariga de desporto, que não esquece jamais o desporto e os seus benefícios — demos por linda esta pequena reportagem acêrca de uma verdadeira campeã, da atleta cujo nome figura ainda entre as «estrelas» da piscina, com fulgor e brilho que nada conseguirá desvanecer...

JORGE MONTEIRO

Consagração de Campeões

Os jogadores do Estoril Praia foram homenageados pelos três triunfos conseguidos no torneio da II Divisãõ de Lisboa

A homenagem que o simpático e progressivo G. D. Estoril Praia promoveu, há dias, aos seus jogadores-campeões, constituiu um acto de inteira justiça e serviu, ao mesmo tempo, para estreitar mais ainda os laços de amizade que unem a «família» do já popularizado clube da Costa do Sol.

O banquete com que foram presenteados os atletas estorilenses decorreu em ambiente de fraterno convívio e de elevado espirito de desportivismo, patenteado, de resto, através dos discursos proferidos.

Presidiu o sr. Artur Rebêlo, vendendo-se, em lugares de honra, os outros directores do clube, srs. Francisco Bandeira, João Correia, António Mota, Carlos Azevedo, João Rebêlo, Fernando Moreira, Carlos Mira, Florindo Costa e João Tavares e os representantes da Imprensa.

Ao «toast» falaram os srs. Artur Rebêlo — para saudar os campeões, António Alves, Manuel Mota e Rebêlo da Silva — que se associaram à homenagem aos jogado-

res estorilenses — e, de novo, o presidente da colectividade, para agradecer tôdas as manifestações de simpatia recebidas, concluindo por saudar os srs. Fausto de Figueiredo, Guilherme Cardim e Joaquim Pereira — patronos do clube — e a Imprensa. Por último pediu que o acompanhassem num brinde ao Chefe do Estado e ao dr. Oliveira Salazar — brinde que foi entusiasticamente correspondido. E com um vibrante «viva» a Portugal encerrou-se a simpática solenidade.

Houve depois um serão recreativo animado pelo orçãõ infantil e orquestra privativa do G. D. Estoril Praia, seguindo-se-lhe baile.

«GOAL DA VITÓRIA»

No próximo número publicaremos o nome dos marcadores e a lista dos concorrentes premiados.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(Seguimento da pág. 5)

Académica-Unidos (B) 7-2

COIMBRA — Os unidistas do Barreiro, aureolados com o título de campeões de Setúbal, não tiveram «chances» na sua estreia. E à Académica pertenceu a glória de os derrotar, através dum jôgo em que os coimbricenses demonstraram clara superioridade técnica.

As equipas:
Académica: Vasco; Antunes e Lopes; Lomba, Oliveira e Octaviano; Micael, Gomes, Armando, Conceição e Ferreira.

Unidos: Simões; Lino e Ângelo; Seixo, Pina e Fragata; Fernandes, Palma, Henriques, Carreiro e Luiz. Chegou-se ao intervalo com 4-1, «goals» de Ferreira, Armando e Conceição, os dois últimos, pela Académica, e de Palma, o dos barreirenses, na transformação dum «penalty» — como de «penalty» foi, também, o quarto tento dos estuadantes.

No segundo tempo marcaram-se mais quatro «goals»: os dos estudantes por intermédio de Armando (2) e de Ferreira; o dos visitantes da autoria de Henriques.

O encontro — como o próprio volume do «score» indica — não teve interesse nem curiosidade.

Arbitrou o sr. Amável de Carvalho, da A. F. Porto.

M. H.

Sporting-Vitória, 4-2

GUIMARÃES — Raramente se terá jogado futebol com as dificuldades com que se fez êste jôgo. Uma chuva impetuosa, incessante, tirou tôda a beleza que êste jôgo poderia ter, e tôdas as possibilidades dum bom resultado ao grupo local.

Entretando, o Vitória não se afundou em Bem-lhe-vai, e só o maior peso do contendor ditou a sua derrota. A razão desta afirmação está na forma como oscilou o marcador.

Jogando tãco a tãco, respondendo a um «goal» com outro «goal», os locais só quasi sobre a meia hora do primeiro tempo, justamente quando o campo era um tremendo lamaçal, é que principiaram a ceder terreno, incapazes não só de acompanharem o Sporting na sua velocidade de jôgo, como também em inferioridade perante o poder atlético do adversário.

A vitória começou a ser construída num esforço pessoal de Peyroteo, que, mais tarde, Canário, que substituiu João Cruz, radicou, estabelecendo a marca final: 4-2.

Acentue-se, devidamente, a luta dada pelo sector defensivo do Vitória, ao poderoso ataque leonino, não permitindo que o resultado se avolumasse.

Jôgo agradável, tão mexido quanto o permitiu o estado lamentável do rectângulo.

Alinharam:
Sporting: Azevedo; Frazão e Marques; Paciência, Nogueira e Canário; Mourão, Daniel, Peyroteo, Soeiro e Cruz.

Vitória: Machado; Oliveira e João; Castelo, Zeferino e José Maria; Laureta, Miguel, Alexandre, Ferraz e Arlindo.

A. M.

Leixões-Olhansen, 0-0

PORTO — Em Matozinhos, o Leixões recebeu no seu campo o Sporting Clube Olhansen, campeão do Algarve, tendo o resultado da partida concluído sem marcação de bolas.

O Leixões, que possui ainda um grupo regular para qualquer surpresa, saiu-se bem neste primeiro jôgo, enquanto o Olhansen, com a agravante de ter tido uma viagem fatigante, não conseguiu trazer a vantagem que obteve, mórmente nos 15 minutos iniciais, em que se tornou mais perigoso nas balizas.

Com o tempo que se verificou, o campo apresentou-se impraticável para o futebol, com a agravante de já ter sido batido com o encontro entre o Académico e o Leixões (reserva) para o campeonato da II Divisãõ. Assim, a partida decorreu monótona, embora por vezes animada com o esforço despendido pelos jogadores, sendo a bola repeliada aos estêdios. Desenharam-se várias fases de perigo para qualquer das balizas, mas o Olhansen teve maior quinãõ, não conseguindo abrir o activo pela pouca sorte que os seus avançados tiveram na zona final de remate.

Os grupos, depois do Leixões ter feito oferta de um galhardete ao Olhansen, alinharam com a seguinte formação:

Leixões: Couto; Mário e Henriques; Almeida, Adão e Irineu; Macarrão, Vitor, Simas, Rodrigues e Roberto.

Olhansen: Palma; Rodrigues e Zita; Santos, Gasina e Acácio; Soares, Salvador, Loulé, Baptista e Gomes.

D. L.

Um «record» dos «Leões» da Covilhã no torneio da II Divisãõ

Resultados completos da jornada da abertura:

Grupo A — Vianense-Gil Vicente, 1-0; Sp. Limarense-Vitória de Guimarães (R.), 1-0; Vizela-Sp. Braga, 1-1 (*); Sp. Fafe-Famalição, 3-3; Coimbrões-Gaia, 1-5; Candal-Vilanovense, 1-0; Desp. Aves-Ramaldense, 1-1; Leixões (R.)-Académico, 2-4; Infesta-Sp. Cruz, 2-2; Salgueiros-Leça, 1-2.

Grupo B — Lusitano-União Coimbra, 2-2; Sport-Naval, 0-4; Académica (R.)-Santa Clara, 3-1; Vouzelenes-At. Travanca, 1-1 (*); Sp. Cast. Branco-Albicastrenses, 3-1; Sp. Covilhã-Covilhãneses, 14-0.

Grupo C — Ferroviários-União Tomar, 1-3; Alverca-Alhandra, 1-6; Nazarenos-Caldas, 2-2; Belenenses (R.)-Sacavenense, 5-0; Operário-Marvilense, 1-2; Lisboa Olivais-Chelas, 1-3; Estoril Praia-Atlético, 7-1; Luso Barreiro-Benfica (R.), 1-3; Unidos Lisboa (R.)-Amora, 2-1; Seixal-Barreirense, 1-1; Vitória Setúbal-Fósforos, 3-1; Unidos-Montijo-Adalgalense, 1-0.

Grupo D — Lusitano Évora-União Montemor, 1-1; Louletano-Lisboa e Faro, 1-1; Sp. Farense-Lusitano Algarve, 3-0; Glória-Sp. Olhansen (R.), 3-1.

(* Suspensos aos 30 minutos por causa do mau tempo.

O Clube Nacional de Campismo

está construindo os barcos «kayats» próprios para a prática do campismo-náutico

A idéia campista, tendo no nosso país numeroso grupo de adeptos, atinge presentemente um movimento animado pelo melhor entusiasmo, permitindo considerá-lo na realidade um desporto de saúde e alegria. E, se o campismo em Portugal — com os seus maravilhosos locais para as práticas campistas — se desenvolve com magnífica actividade, não é menor a dedicada propaganda que o Clube Nacional de Campismo tem dado ao útil desporto, orientando-o e colocando-se ao lado dos campistas para lhes fornecer todos os ensinamentos e alvítrés de que necessitam. E em face da sua acção que

N. C. tornou possível em Portugal a prática do campismo náutico. Estudando a melhor forma de poderem ser substituídos os materiais empregados na construção do «kayat» estrangeiro, onde especialmente entrava o alumínio e a borracha, os campistas náuticos do clube triunfaram. Os seus cinco primeiros barcos navegaram já no Nabão e no Zêzere, fizeram a descida de Vila Velha de Ródão a Abrantes e atravessaram o Tejo... A nova modalidade do «turismo-campismo» iniciara-se, conquistando com facilidade novos adeptos ao mesmo tempo que novos barcos se estão construindo.



Sol, água e e...um «Kayat» — tanto basta para um dia bem passado

podemos considerar o campismo em Portugal praticado sob os sérios princípios — que devem ser observados pelo bom campista.

Em consequência desta actividade do clube, a-par do desenvolvimento da modalidade — servindo admiravelmente o desporto pelas suas condições excepcionais de exercício físico — vão-se-lhe introduzindo novos motivos de agrado com o funcionamento de outras secções campistas, como o ciclo-campismo e esta a que nos referimos hoje: o campismo-náutico.

Esta nova actividade está em pleno desenvolvimento. O campismo-náutico utiliza-se de um pequeno barco desmontável, para navegar nos pequenos cursos de água, rios, ribeiros, lagos e à beira mar, acampando nas margens. Esses barcos denominam-se «kayats» e assemelham-se aos barcos dos esquimós. No nosso país existia até há pouco um desses barcos. De construção estrangeira, a sua aquisição tornara-se, porém, dispendiosa. Mas, um decidido espírito de iniciativa de alguns membros do C.

Estes «kayats» do Clube Nacional de Campismo têm o «esqueleto» em madeira e, revestidos de lona impermeabilizada com óleo de linhaça e pintura de alumínio, são inteiramente desmontáveis. As suas diversas peças são transportadas pelo campista num saco com 1 metro e 30 de altura por 30 de largo, e o peso regula entre 18 a 20 quilos. Conjuntamente, o campista transporta nesse saco a sua tenda e o respectivo material. Quando em navegação, esse material é acondicionado no interior do barco, havendo ainda a salientar que o «kayat» é insubmergível e o seu tripulante, no caso de o barco se voltar, consegue rapidamente, com um impulso do remo, que é de duas pás, colocá-lo na posição normal.

Esta iniciativa da secção de «kayat» do C. N. C., tornando possível no nosso país uma das mais interessantes modalidades do campismo, é merecedora do melhor aplauso.

FERNANDO SA

Mestres de bilharistas portugueses e espanhóis

vão defrontar-se pela terceira vez

O bilhar é das modalidades desportivas que exigem mais aplicação, pois não chegam os conhecimentos, por maiores que sejam, para triunfar. E também necessária «chance». Uma simples «falha» — pormenores de tática que passam despercebidos aos menos conhecedores da matéria — é, muitas vezes, suficiente para um favorito ser derrotado! E isso sucede até com frequência...

Vem êste introito a propósito do próximo Portugal-Espanha da especialidade, o terceiro «match» da série destas relações de características internacionais. Porque, em boa verdade, há jogadores fortes em Portugal como em Espanha. O triunfo pode pertencer a qualquer — que nem por isso o vencido deve considerar-se inferiorizado. E nestas competições de bilharistas o factor «sorte» tem papel importante, à parte, claro, o valor dos contendores — que, êsse, é já conhecido e apreciado nas suas justas proporções.

TRIUNFOS REPARTIDOS

Jogou-se o primeiro encontro em Lisboa. Vitória nítida dos espanhóis: por 14-2. Morais Amado, ao «quadro» 71/2, conquistou os únicos pontos dos portugueses — cuja equipa era ainda constituída por Alfredo Ferraz, João Pereira e Joaquim Rebelo. De Espanha vieram Cabra e Butron, dois grandes mestres de bilharistas.

Na «repetição», em Barcelona, a equipa de Portugal (a mesma que jogara em Lisboa) venceu por 10-8. A Espanha foi representada nessa ocasião por Joaquim Domingo, Cláudio Puigvert e Cabra.

Nesta competição, Portugal e Espanha estão empatados: uma vitória e uma derrota cada, com a particularidade curiosa de os triunfos terem sido alcançados «fora de casa» — mais retumbante o dos espanhóis, em Portugal, na estreia,

OUVINDO UM DIRECTOR

O sr. João Pereira — que também faz parte do «team» português, capitaneado por Alfredo Ferraz e constituído, ainda, pelos mestres José Alabern e José de Morais Amado — é director e conselheiro técnico da Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar, e, por conseguinte, a pessoa que interessava ouvir acerca do próximo «match».

— Não está ainda escolhido em definitivo o local do encontro; pode ser no «Maxim's», mas em princípio estabeleceu-se que fosse na Casa do Alentejo o «teatro das operações» que vão desenrolar-se de 3 a 7 de Fevereiro. O «team» espanhol é formado pelos nossos conhecidos Joaquim Domingo e Cláudio Puigvert e ainda pelo jovem Clerc e por Voffill. Quatro excelentes jogadores — dos melhores de que actualmente dispõem «nuestros hermanos». Jogar-se-ão quatro modalidades: «partida livre», «tabelas», «três tabelas» e «ao quadro 45/20».

— Boa disposição?!...
— Ah! Mas absolutamente! Todos nós (permita-se-me que fale

pelos meus colegas de «team») estamos dispostos a dar o maior rendimento. E só não ganharemos se a «chance» nos atraiçoar... De resto, neste III Portugal-Espanha em bilhar contamos com a presidência do ministro da Educação Nacional e a presença doutras entidades oficiais, nomeadamente dos srs. director geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, governador civil de Lisboa e presidente do Município. Queremos retribuir as gentilezas havidas para conosco, em Barcelona, em 1941 — e esperamos que o público corresponda ao empenho da A. P. A. B., acompanhando o «match» com o interesse que realmente tem para nós, amadores do bilhar.

PEDRO DE MONTALVO

O TORNEIO NACIONAL DE PROPAGANDA DE BILHAR

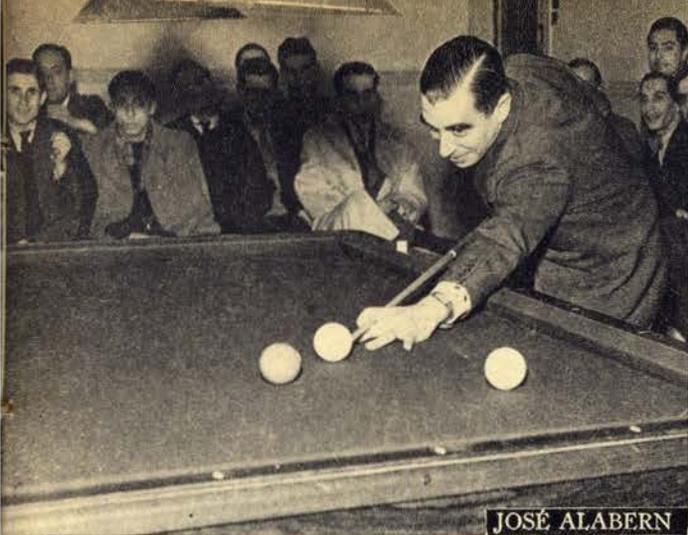
O bilhar, desporto popular praticado na quasi totalidade de vilas e cidades portuguesas por adeptos de todas as idades e situações sociais, está vivendo, presentemente, uma jornada de extraordinário interesse: o Torneio Nacional de Propaganda de Bilhar, que a Federação das Sociedades de Educação e Recreio organizou em colaboração com o jornal *O Século* e a Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar. Em todos os concelhos estão a ser disputados jogos para apuramento dos campeões distritais que, nos dias 30 e 31, se deslocam a Lisboa, onde serão jogadas as finais desta curiosa prova. Nalguns distritos, como Aveiro, Beja e Leiria, já estão apurados os respectivos campeões.

Em Lisboa (concelho) as eliminatórias, entre bairros, começaram a ser disputadas na passada quinta-feira, no Salão da F. S. E. R., que se encheu de uma multidão de adeptos dos vários clubes concorrentes. Numa demonstração de carinho pela organização, assistiram à sessão inaugural os grandes ases internacionais do bilhar Alfredo Ferraz, campeão do mundo, João Pereira, Alabern e José Morais Amado.

O sr. Vaz Pereira, presidente da F. S. E. R., saudou os clubes concorrentes, pôs em relevo o valor desta competição como jornada de propaganda, que, com muita propriedade, foi classificada de nacional, por nela se interessar o país inteiro.

Por último agradeceu a colaboração e apoio de *O Século*, por intermédio do seu redactor sr. Pires Guerreiro, e dirigiu palavras de muita simpatia à *Stadium*, revista — disse — que sempre se impôs aos desportistas portugueses e que nunca deixou de acarinhar as iniciativas, partam elas de grandes ou pequenos, que visem ao prestígio e propaganda do desporto.

Os jogos das eliminatórias realizam-se todas as noites, às 21 horas, na sede da F. S. E. R., Rua da Palma, 256-A, sendo pública a entrada.



JOSE ALABERN



AMADO E JOÃO PEREIRA

BILHAR-O III PORTUGAL-ESPANHA E...



ALFREDO FERRAZ

...O TORNEIO NACIONAL DE PROPAGANDA DE BILHAR

(fotos Nunes d'Almeida)



António Catão abre a 1.ª jornada. À direita, sentados, Ferraz, Alabern, Amado e João Pereira



Álvaro de Carvalho, João R. dos Santos e António V. Violante, respectivamente campeões distritais de Leiria, Aveiro e Beja no Torneio de Propaganda



Os bilharistas que se exibiram na 1.ª jornada



**NO SORTEIO
DO
CAMPEONATO
NACIONAL
DE
FUTEBOL**



Despertou como sempre enorme interesse o sorteio para o Campeonato Nacional de Futebol. "Stadium", apresenta alguns instantaneos colhidos na F. P. E., nos quais focamos vários aspectos dos trabalhos: o dr. Virgílio Paula iniciando as "operações"; os representantes dos clubes — satisfeitos uns, aparentemente preocupados outros... — "arrumando", os números da "sorte"; e figuras gradas da bola e da Imprensa — com Ricardo Ornelas sempre na primeira "brecha", — compilhando as suas notas. Em cima, à direita, o "triumvirato máximo", das arbitragens oferece-se, confiado e sorridente, à objectiva de Nunes d'Almeida...



(fotos Nunes d'Almeida)

**O CONCURSO
DO
"GOAL DA
VITÓRIA"**

Excedeu tôdas as provisões o êxito do nosso Concurso. Alguns milhares de boletins caíram em catadupas diárias na nossa Redacção, obrigando a demora e laborioso trabalho.

A fotografia que apresentamos aos nossos leitores dá ideia, ainda que ligeira, dos montes de correspondência que recebemos — e que o pessoal da nossa Administração, com o inevitável «reforço» de braços, teve de manejar atentemente.

Stadium